***Taxar***

Vive-se entre nós um clima de alguma justificada euforia desde que se soube que as companhias aéreas *low cost* (de baixo custo) começariam em breve a voar para algumas ilhas dos Açores.

Finalmente, muitos açorianos terão a possibilidade real de viajar não só devido aos mais baixos preços que estas companhias praticam mas também à pressão que estas exercem sobre as companhias de bandeira para uma redução geral dos preços. De facto, quer a SATA, quer a TAP, já anunciaram viagens para os Açores entre 86 a 140 euros a partir do próximo ano, o que pulveriza a suposta regalia da tarifa de residente. Entre muitos pequenos grandes detalhes que estão ainda por fixar, como seja o do número de lugares disponibilizados para as tarifas mais reduzidas, sobram problemas maiores como o de promover também o escoamento de mercadorias em volume e regularidade satisfatórias e o de garantir a equidade entre todos os açorianos neste novo contexto.

Entretanto, o entusiasmo com a chegada das *low cost* aos Açores não é apenas interno mas também partilhado por aqueles que querem visitar o arquipélago e que, aos custos actuais, viam reduzida a possibilidade de o fazerem.

Neste clima de forte animação, os primeiros sinais dos benefícios esperados começam a chegar, com os hotéis a registarem um aumento de 20% na sua taxa média de ocupação. Além dos hotéis, os restaurantes, cafés, bares esperam igualmente um aumento significativo das vendas. O mesmo se prevê em diferentes vertentes do tecido económico dos Açores com destaque para as lojas de produtos diversos com destaque para as agro-alimentares e artesanato ou de outras bem diversas como sejam as de transportes e apoio a actividades de lazer e desportivas.

É também neste momento de expectativa muito optimista que chega aos Açores a moda das “taxas e das taxinhas”. Sim, sei que o assunto está batido, mas penso que merece continuar a ser batido. A coincidência da oportunidade para taxar traz a marca socialista. Afinal, foi quando Lisboa começou a ser considerada um dos melhores destinos turísticos mundiais, quando ultrapassou os 10 milhões de dormidas/ ano, que o Presidente da autarquia se lembrou de taxar a entrada e a permanência na cidade, faltando-lhe agora apenas taxar a saída…

Nos Açores a imitação foi mais ambiciosa do que o original. Para além das duas taxas anunciadas para Lisboa, já a Povoação avança com um grandioso pacote de taxas: taxa-se o acesso à zona agora reservada da Lagoa e de realização de piqueniques, taxa-se o estacionamento no parque e taxa-se o espaço para realização do cozido.

É com apreensão que perspectivo o taxar como reacção ao primeiro sinal real e efectivamente promissor de aumento de fluxo turístico nos Açores. Esperaria – ingenuidade minha certamente – um investimento na qualidade da oferta, a todos os níveis, desde a condições físicas à formação profissional, e na diversificação desta oferta, dentro dos sectores já existentes e expandindo a outros que encontrem condições favoráveis para se desenvolverem nos Açores. Consideraria esta a via da sustentabilidade; o taxar os que nos visitam como os locais, até mesmo sem qualquer melhoria nos serviços que se disponibilizam, parece-me mais uma política simplista e imediatista, de vistas curtas e sem perspectiva quer de valorização dos espaços que queremos promover, quer no acolhimento das pessoas que queremos cativar. Enfim, parece-me uma política atarracada que espero não persista nem se expanda!

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)